



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS

ÉRICA MARIA DE JESUS SÁ

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS EM VERSOS DE PATATIVA
DO ASSARÉ**

PICOS

2019

ÉRICA MARIA DE JESUS SÁ

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS EM VERSOS DE PATATIVA
DO ASSARÉ**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientador: **Prof^o. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento**

PICOS

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S111v Sá, Erica Maria de Jesus.
Variação linguística e processos fonológicos em versos de Patativa do Assaré. / Erica Maria de Jesus Sá. -- Picos, PI, 2019.
CD-ROM: 4 ¾ pol. 22 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras Portugêses) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.
“Orientador(A): Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento.”

1. Sociolinguística. 2. Literatura de Cordel. 3. Variação Regional. I. Título.

CDD 401.9




MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

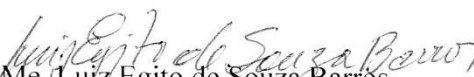
ATA DE DEFESA DE TRABALHO FINAL DE CURSO

Às 14h horas do dia dezoito de junho do ano de dois mil e dezoito, na sala 834, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna ERICA MARIA DE JESUS SÁ, do curso de Letras desta Universidade, com o título, VARIÇÃO LINGUÍSTICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS EM VERSOS DE PATATIVA DO ASSARÉ. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (orientador – presidente), Prof. Esp. Erismar Veloso de Sousa (1º examinador) e Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação do trabalho, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, às 15h. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 9,0 ; 9,0 e 9,0 . Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 9,0 . E, para constar, eu, Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 19 de junho de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.


Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento
Presidente


Prof. Esp. Erismar Veloso de Sousa
1º examinador


Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros
2º examinador

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PROCESSOS FONOLÓGICOS EM VERSOS DE PATATIVA DO ASSARÉ

Erica Maria de Jesus Sá¹

Juscelino Francisco do Nascimento²

Resumo: Este artigo tem o objetivo de investigar a variação linguística e os processos fonológicos na literatura de cordel, apresentando um estudo da língua em uma perspectiva sociolinguística, tendo em vista que todas as línguas naturais têm um caráter heterogêneo e que varia por diversas razões. Neste trabalho, fundamentado em Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2005), Calvet (2002), Callou e Leite (2003), Costa (2009), Molica e Braga (2017), Monteiro (2000), Roberto (2016), entre outros, apresentamos uma análise sobre a variação linguística presente em cinco cordéis de Patativa do Assaré, na obra *Cante Lá que Eu Canto Cá*. A metodologia utilizada foi uma pesquisa descritiva de cunho bibliográfico, a fim de compreender os tipos de variações e os processos fonológicos mais comuns nos cordéis. Percebemos, com este trabalho, a quantidade de variantes presentes nos poemas analisados, tanto no nível lexical como no fonético-fonológico, evidenciando que os cordéis apresentam a explanação da cultura do homem nordestino, rural e pouco escolarizado, que possui entonação própria e, por meio da fala, busca “facilitar” a pronúncia, decorrendo assim, os processos fonológicos.

Palavras-Chave: Sociolinguística. Variação regional. Literatura de cordel.

1 INTRODUÇÃO

A sociolinguística é uma área de estudo que foge à perspectiva estruturalista do estudo da língua, posto que, sendo a língua um fato social, é necessária uma abordagem que investigue aspectos como as realizações de fala de um povo, indo além da estrutura em si.

Calvet (2002, p.16) assegura alguns pensamentos sobre a língua, e apresenta um pensamento de Millet, para quem o centro da teoria linguística deve ser entendido, simultaneamente, como um “fato social” e “um sistema que tudo contém”. O fato social

¹Aluna regularmente matriculada no Curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB.

E-mail: erica.sah@outlook.com

² Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Assistente da UFPI – *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros.

E-mail: juscelino@ufpi.edu.br

pode ser entendido como algo externo às pessoas, por exemplo, falar o português brasileiro, sabemos que não é uma escolha individual, e sim social e cultural – partindo da sociedade em que o falante está inserido.

Visto isso, percebe-se que a língua abrange as várias formas de falar, constituindo, assim, a variedade linguística existente de qualquer sociedade e que diz muito a respeito de um povo.

Sendo a língua um fato social, pode-se dizer que esta versa com os mais variados contextos de usos, nas mais variadas sociedades, em uma mesma região ou regiões diferentes. Considerando-se a dinamicidade que a língua possui, a literatura de cordel apresentada por Patativa do Assaré constitui-se de uma ampla variedade linguística, de dialetos próprios do homem rural, que são capazes de denotar diversas variantes existentes nessa comunidade de fala. No que se refere ao conceito de comunidade de fala, é importante colocar que esta, se configura como o conjunto de pessoas que compartilham dos mesmos falares expressivos dentro de uma determinada camada social. Monteiro (2000, p. 40-41) esclarece que se constitui como “(...) um grupo de pessoas que não compartilham necessariamente a mesma língua, mas compartilham um conjunto de normas e regras para o uso dela”.

Pode-se afirmar que os mais variados tipos de falares existentes na língua portuguesa, ou em qualquer língua, se constituem a partir de motivações linguísticas e extralinguísticas que colaboram para que se construa uma hierarquia dessas variantes envolvendo o falante. Monteiro (2000, p. 65) enfatiza que “[...] uma vez que a variação linguística pressupõe a valoração social, as variantes empregadas por falantes dos estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas”. Assim, o conceito de variação linguística exposto pelo autor nos permite compreender a língua e os valores que lhe são atribuídos conforme determinadas variantes, enfatizando a heterogeneidade que é presente na língua por diversos fatores, a partir dos níveis da língua, concedendo a identidade dos falantes.

Tendo em vista isso, o objeto de estudo desse trabalho é demonstrar a literatura de cordel, enquanto formadora da consciência de uma sociedade. Logo mais, será necessário expor o que é a literatura de cordel e como se originou, já que é o assunto aqui tratado.

Buscaremos responder ao problema, indagando se é possível estudar nos cordéis a variação linguística nos níveis lexicais e fonéticos, por meio de expressões que dizem muito sobre quem o compõe.

Sob esta perspectiva, os conhecimentos sociolinguísticos será estimulado, objetivando, assim, por meio desse artigo, o estudo sobre distintas variantes que possui o Português Brasileiro (PB). Dessa forma, buscaremos mostrar a visão multicultural da língua, as suas constantes mudanças e a diversidade de variantes faladas. A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2005, p.31) esclarece que:

A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas –socioeconômica e histórica – que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical).

Percebendo-se a grande variedade linguística existente no Português Brasileiro, notou-se que a literatura de cordel é um bom exemplo de explanação da cultura propriamente nordestina, assim como pode ser visto nos cordéis de Patativa do Assaré, o qual expressa os falares marcantes de um povo, demonstrando a multiplicidade do PB.

A importância de abordar esse tema se faz para que os falantes possam entender que a variação é inerente à língua, e que autores renomados, como Patativa do Assaré, são formadores de uma consciência acerca da língua e da sociedade em que vive.

O próprio Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, autor dos cordéis que serão apresentados, é um autor nordestino que possui um amplo vocabulário típico dessa região, mais propriamente da zona rural. Em poucas palavras, a língua diz muito sobre seus falantes, podendo identificar a situação socioeconômica, ou a região em que mora, o que corrobora a afirmação de Calvet (2002, p.12): “Ora as língua não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”.

Visto isso, este artigo visa destacar o tratamento da língua portuguesa à luz da sociolinguística, observando-a de maneira a conceituar a sua heterogeneidade por meio da variação linguística. Considerando que a literatura de cordel está permeada pelo uso não padrão da língua. Ela é um bom exemplo da cultura de um povo.

Os processos fonológicos são frequentes nos versos de Patativa. Por meio dos cordéis, ele conta histórias da vida presente no seu cotidiano e da sociedade nordestina e rural, utilizando diversas variantes, como será visto posteriormente. Dessa maneira, os cordéis são capazes de demonstrar quais são as variantes que persistem no eixo rural-urbano, além de apresentar expressões regionalistas iguais às respectivas pronúncias, que formam as variantes diatópicas no nível lexical e fonético.

Como já se sabe, esse tipo de literatura possui bastantes variedades linguísticas, que contribuem para o conhecimento acerca do assunto, além de serem textos que abordam sobre a cultura propriamente nordestina, dos falares deste povo. Com isso, nota-se a capacidade de perceber, por meio de uma pesquisa descritiva, os tipos de variações e os respectivos níveis existentes em cinco cordéis, destacando a riqueza que existe no PB e, ainda, atribuindo sentido, identidade e tratando a língua em sua amplitude. Para tanto, busca-se atrelar à sociolinguística como uma base formadora da consciência múltipla que há em qualquer língua viva. Sobre o estudo da sociolinguística, Monteiro (2000, p. 39) afirma: “Conforme já vimos, uma das tarefas da sociolinguística é descrever as línguas em sua diversidade funcional e social”. Portanto, vê-se que o fato social é cabível para que se tenha uma percepção do estudo sociolinguístico, além do caráter funcional que constituem os diversos falares.

Para tanto, a pesquisa aqui desenvolvida será descritiva. Quanto à metodologia, será de cunho bibliográfico, dialogando com os autores e estudiosos da área que tratam a respeito da Sociolinguística. A pesquisa descritiva se caracteriza por ser válida à partir de dados qualificativos, e não por números. Feita à partir da análise dos cordéis, explanando à respeito da Variação Linguística, eminente em qualquer língua, e evidenciando os processos fonológicos mais recorrentes nas variações pesquisadas.

Com isso, será feita uma análise dos tipos de variantes dentro da literatura de cordel do autor Patativa do Assaré. Algumas variedades dentro da Sociolinguística, como as de nível lexical e fonológico, serão realizadas, a fim de que se percebam as variações dentro da língua, buscando expor os mais variados tipos de formas linguísticas para um mesmo termo e expressando a heterogeneidade presente no PB.

2 A LITERATURA DE CORDEL E SUA PERCEPÇÃO ESTIGMATIZADA DA LÍNGUA

A literatura de cordel se constitui como um tipo de literatura capaz de exaltar determinadas culturas, já que possui muitas expressões que englobam as variantes regionais, de um determinado grupo social que corresponde aos falares estigmatizados. No que se refere ao que corresponde esse gênero, Mezavila e Cruz (2017, p. 10) afirmam que “[...] eram textos poéticos, que muitas vezes, apresentavam assuntos de cunho político e social”.

Segundo Callou e Leite (2003, p. 95), dentre os tipos de variações que constituem qualquer língua viva, é importante afirmar que estas podem ser manifestadas de diversas maneiras, como as diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica e diamésica.

Em princípio, uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas: 1) diferenças no espaço geográfico ou *variação diatópica* (falares locais, variantes regionais e até intercontinentais); 2) variação entre as camadas sócio-culturais ou *variação diastrática* (nível culto, nível popular, língua padrão etc.) e 3) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva (língua falada, língua escrita, literária, linguagem formal, coloquial, linguagens especiais, linguagem dos homens, das mulheres etc.) (CALLOU; LEITE, 2003, p. 95).

As autoras enfatizam que a variação diatópica corresponde às mais variadas formas de falar em um mesmo país ou países diferentes. Porém, essas variações não alteram o sentido na língua, de modo que várias pessoas de diferentes regiões em um mesmo país podem se entender mutuamente. Essa variação – também chamada de variação geográfica – será analisada em expressões nordestinas dos cordéis. Além dessa, outro tipo é a diacrônica, relacionada à variação que se dá com o decorrer do tempo, entre gerações de falantes.

Na variação diastrática, temos as variantes presentes nos estratos da sociedade, em que os mais escolarizados, por exemplo, possuem determinadas expressões que diferem dos que têm menos ou nenhuma escolaridade. Ainda, na variação diafásica, podemos atenuar que esta pode alternar de acordo com o contexto de usos. Por fim, a variação diamésica diz respeito à diferença da língua falada e escrita. Nela, a língua falada se constitui de mudanças mais rápidas, além de ser menos monitorada do que a língua escrita, que apresenta mais resistência quanto à estrutura.

No que diz respeito ao uso da língua, pode-se afirmar que se configura ao uso prestigiado e um desprestigiado. O primeiro se refere aos falares da “elite”, e o segundo remete aos que não seguem a norma culta, se caracterizando como erros, tal como os dialetos de pessoas menos escolarizadas e que estão à margem da sociedade. Com isso, afirma-se que todas as variantes dentro de uma língua constituem uma espécie de hierarquia. Monteiro (2000, p. 65) afirma que:

Um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que a maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social.

A literatura de cordel é composta por textos poéticos que podem falar sobre vários assuntos do cotidiano ou até político. Antigamente, eram versos cantados pelos trovadores e com o passar do tempo passou a ser escritos. Os cordéis foram trazidos pelos portugueses e popularizou-se no Brasil, contando histórias do folclore e de simples compreensão por quem lê, por possuir uma linguagem que mais se aproxima com o popular. Antigamente eram cantados, e passou a ser impresso. Sobre o autor, Rebolças (2017, p. 9) ressalta que: “Reconhecido como poeta do povo, é um exemplo mais acabado da excelência e da estética popular, da força comunicativa e social de uma poesia nascida da vivência comum e do pertencimento à comunidade”.

São textos carregados por expressões da língua propriamente rurais. Sobre as suas principais características, Neta e Santiago (2012, p. 64) afirmam que “são confeccionados até hoje de maneira artesanal, [...] apresentam histórias inspiradas no cotidiano, na riqueza poética literária e são uma poderosa demonstração da cultura popular”.

Como se sabe, língua e sociedade são indissociáveis. Sendo assim, é a partir das marcas na língua que se sabe sobre uma determinada comunidade e cultura na qual o falante está inserido, sendo possível identificá-las por meio das variantes que fazem parte de toda sociedade.

Para tanto, se faz necessário destacar o significado dos termos que transitam no que será discutido aqui: a variação linguística, que acontece por meio de etapas que condicionam os falares de uma determinada comunidade de fala. Segundo Labov (1976, p. 190 apud CALVET, 2002, p.87, grifo do autor):

Pode-se assegurar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se *realiza* e alcança regularidade pela eliminação das formas rivais.

Isso explica as variações que ocorrem no decorrer do tempo. Assim, mais uma vez sabemos que a língua tem impregnado em si, forte traço heterogêneo. Sobre esse aspecto, Bagno (2007, p. 39, grifo do autor) destaca que

O primeiro desses conceitos, como já vimos, é o de *variação*. Dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é *heterogênea*. A grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um 'substantivo coletivo': debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes.

As variáveis se constituem a partir das diferentes formas como é usado um determinado termo. Assim, se determinam a partir do conjunto de variantes; e as variantes são duas ou mais formas alternativas usadas para designar a mesma coisa no mesmo contexto. Nas palavras de Calvet (2002, p. 90, grifo do autor): "Entenderemos aqui por *variável* o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e por *variante* cada uma das formas de realizar a mesma coisa".

Com isso, foi observado que a literatura de cordel de Patativa do Assaré possui uma diversidade de variedade linguística, já que há variações por diversos aspectos, e podem ser vistas, pela gramática normativa, como erros e providas de uso desprestigiado. Mollica e Braga (2017, p. 11) afirmam que:

Vale frisar que o termo 'variável' pode significar fenômeno em variação e grupos de fatores. Estes consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes.

Visto isso, é importante salientar que a variação pode ocorrer em diferentes níveis, como o: fonológico, morfológico, lexical, semântico e sintático. Mollica e Braga (2017, p. 11) destacam que: "No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfofossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais". Já no que diz respeito às variáveis externas à língua, são atribuídos diversos fatores,

como exposto por Calvet (2002, p. 89, grifo do autor): “Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território”. Sendo assim, vão constituir variáveis quanto ao tempo, espaço geográfico, nível socioeconômico, grau de escolarização, grupos etários, gêneros, etc.

Com isso, o autor nos faz entender sobre o conceito da variação linguística. Todas estas configuram o caráter heterogêneo da língua, mostrando que existem diversas formas de falar e que estas podem por diversas razões nas mais variadas sociedades.

Analisaremos, mais à frente, os fenômenos variáveis internos à língua, pelos quais constituem as variantes linguísticas como as de nível lexical e fonético-fonológico, com falares propriamente do Nordeste, constituindo variáveis comuns da região, do homem rural e pouco escolarizado. Quando se fala em homem rural, já se remete a uma ideia de língua estigmatizada, o que será perceptível nos termos presentes na literatura de cordel, onde há o uso desprestigiado da língua. Em relação a isso, Callou e Leite (2003, p. 43-44) afirmam que:

A língua é dinâmica por sua própria natureza e está sujeita a modificações. Em qualquer momento, quando se combinam elementos para formar palavras ou frases ocorre uma série de modificações, determinadas por fatores fonéticos, morfológicos e sintáticos.

Em vista disto, se faz necessário compreender o que são esses níveis da língua onde ocorrem as variáveis mais decorrentes dos cordéis em estudo. A variação de nível lexical são as que ocorrem, por exemplo, nas diferenças da formação das palavras que podem se manter em regiões diferentes, como as decorrentes nas regiões brasileiras, ou até no eixo rural-urbano, e tais variantes designam a mesma coisa. Calvet (2002, p. 89) traz alguns exemplos: “[...] Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de ‘osga’ na região Norte, ‘briba’ ou ‘víbora’ no Nordeste, e ‘lagartixa’ no Centro-Sul.”

Outro nível de variação são as variações de nível fonético-fonológico, que se apoiam na pronúncia das palavras. Aqui, não nos basearemos nas transcrições fonéticas, mas na compreensão de como ocorrem as variações na pronúncia através dos processos fonológicos.

Nessa direção, conforme Costa (2009, p. 15-16):

Os neogramáticos, como eram chamados, reconheciam a importância de se estudar a língua no seu contexto de funcionamento e defendiam que no nível fonético-fonológico, as línguas mudam e que essa mudança ocorre igualmente na estrutura sonora das palavras de uma dada língua.

Acerca disso, Calvet (2002, p.113) assegura alguns exemplos a respeito desse nível da língua: “alguns traços fonéticos, por exemplo, a pronúncia de ‘véio’ por ‘velho’ e ‘sartá’ por ‘saltar’”, constituindo assim, exemplos parecidos com as variáveis presentes nos cordéis, e que nos permitem entender que em determinadas regiões, a pronúncia das palavras se difere e que estas, podem ser estigmatizadas por se tratar, geralmente, de pessoas menos escolarizadas.

Para tanto, dá-se a importância de compreender os processos fonológicos, que facilitam o estudo das variantes que existem na fala, algumas variantes que ocorrem na fala, são chamadas pela fonologia de alofones. Esses nos permitem compreender as variações de nível fonético-fonológico que acontecem em qualquer língua. Sobre isso, Roberto (2016, p. 117) afirma:

Dessa forma, um processo fonológico atua na realização de dado som ou grupo de sons, seja pela criança, em fase de aquisição da linguagem, ou pelo adulto em sua fala cotidiana. O estudo dos processos fonológicos é relevante para compreender diferentes aspectos, da língua, tais como *mudanças da língua* (estudo diacrônico), *variações fonéticas* (importantes em estudos sociolinguísticos diversos) e questões de aquisição da linguagem (já que diferentes processos costumam se manifestar com frequência nessa fase).

Para tanto, se faz necessário entender como se enquadram as mudanças que ocorrem e que classificam os processos fonológicos, a fim de que se tenha uma visão estruturada das variantes mais recorrentes nos cordéis – de nível fonológico. A esse respeito, Roberto (2016, p. 118) esclarece:

Há diferentes classificações para os processos fonológicos, que geralmente se caracterizam por serem de supressão, adição, transposição e substituição, não havendo consenso entre os estudiosos quanto á quantidade e nomenclatura.

Assim sendo, existem vários processos que são capazes de descrever as variações diatópicas existente na literatura de cordel, e que tais processos podem ocorrer de várias maneiras, como pelo apagamento, adição, transposição e

substituição de fonemas. Cada uma destas pode se dividir, dependendo das características dos diversos aspectos do vocábulo. De acordo com a autora, os processos fonológicos por apagamento sucedem por três tipos. Dentre estes, temos a aférese, que são os que acontecem quando a supressão de um fonema ocorre no início do vocábulo, como exemplo, na fala muitas vezes “está”, passa a ser pronunciado “tá”; a síncope, quando a supressão é no interior do vocábulo, como em “xícara”, pronunciado “xicra”. Além destes, a haplologia, que “consiste na supressão de uma ou duas sílabas contíguas iguais ou semelhantes” (ROBERTO, 2016, p. 121). Ainda neste segmento, Roberto (2016, p. 121) fala sobre o processo denominado apócope, que acontece quando a supressão ocorre no final do vocábulo, como em “papel”, muitas vezes o “l” é suprimido pelos caipiras, pronunciando “papé”.

A monotongação acontece quando há o apagamento de uma semivogal, como afirma Roberto (2016, p. 120): “o apagamento de semivogal é bastante comum, processo também conhecido como monotongação ou de ditongação.” Sendo assim, este ocorre quando há a fusão de um ditongo para um fonema, como em “loura”, muitas vezes na fala fica apenas “loira”.

Os processos fonológicos por acréscimo podem se dividir em epêntese, ditongação e paragoge. O primeiro -a epêntese - é classificado quando há o acréscimo de vogais no interior de palavras, como em “adevogado”, muitas vezes falado pelas pessoas da zona rural. Na ditongação, são acrescentadas semivogais, de modo que, em “nós” na fala, é facilmente pronunciado “nóis”. Por fim, a prótese, que se trata do acréscimo de fonema no início da palavra, conforme pode ser percebida em “alevantá” se referindo a “levantar”.

Outro processo a destacar são os processos por transposição, que segundo Roberto (2016, p. 122), também podem ser chamados de metátese, e constituem aqueles cuja mudança de fonemas ocorre dentro do sintagma, alterando a ordem do fonema, que muda de lugar dentro do vocábulo, podendo ser de uma sílaba, ou duas sílabas diversas. Este é comum nos cordéis, como em “potreção”, designando a fala, onde o fonema “r” mudou de lugar dentro do vocábulo.

Já nos processos fonológicos por substituição, de acordo com Roberto (2016, p. 123), estes podem se dividir por assimilação, pelo qual “ocorre quando um fone assimila um ou mais traços de outro fone próximo a ele, tornando-se mais semelhante ao fone com traço ‘copiado’”. É muito comum, por exemplo, a assimilação existente

entre os fonemas, onde o /v/ assimila o traço de /b/ como em “bravo” para “brabo”, e que tal assimilação pode ser por fortalecimento – quando a substituição ocorre por uma troca de menor esforço por uma de maior esforço, enquanto que, ocorrido o contrário, será por enfraquecimento.

A troca de fonemas mostra as várias formas de usar um mesmo segmento, como afirma Cagliari (2002, p. 23):

O fato de podermos substituir um elemento por outro mostra que a língua tem um paradigma, ou seja, um conjunto de elementos da mesma natureza que pode ocorrer num determinado lugar (contexto, ambiente). A substituição de um elemento desse conjunto por outro pode ou não mudar o significado total do sintagma, criando ou não palavras novas (...).

A despalatalização caracteriza-se por ser articulado o som de um segmento ou vocábulo sem se posicionar, no momento da fala, no palato. Como em “filho”, quando a consoante deixa de ser palatal na pronúncia, se tornando “fio”.

Outro processo comum nas variações regionais é o chamado rotacismo, quando acontece a troca do “l” pelo “r”, como em “classe”, sendo pronunciado “crasse”; ou pode ser ao contrário, apesar de alguns autores tratarem a troca do “r” pelo “l” como lambdacismo, como em “brindar”, que pode ser pronunciado “blindar”. Sobre este, Roberto (2016, p. 125, grifos da autora) afirma que:

A substituição de líquida ou o rotacismo consiste na troca do /l/ pelo /r/ ou vice-versa, embora alguns autores especifiquem a troca do /r/ pelo /l/ – característico da fala do personagem Cebolinha – de lambdacismo. O rotacismo é um fenômeno bastante comum pelo fato de as líquidas partilharem muitos traços, o que faz com que seja frequente a troca de uma por outra.

É importante frisar que a variação linguística, mesmo possuindo usos mais prestigiados do que outros, como é o caso das variantes presentes na literatura de cordel, eles não podem ser vistos como erros, pois, consoante Mollica e Braga (2017, p.13), “toda língua, portanto, apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção do erro (...)”.

Algumas palavras que constituem as variantes linguísticas são encontradas facilmente na literatura de cordel, formando os tipos de variações mais comuns neste gênero.

Retomando a heterogeneidade da língua, Costa (2008, p. 13) assevera que:

A língua é, por excelência, um instrumento de comunicação social. Por meio dela, o homem projeta o processo de criação e recriação da sua realidade, mediante a interação que estabelece consigo mesmo e com os outros. Além disso, promove a sua identidade social, pois denuncia o seu país e/ou região de origem, o grupo social do qual faz parte, etc. no momento em que fala. (COSTA, 2008, p. 13).

Isso mostra o caráter heterogêneo que uma língua possui, a partir de situações precisas de comunicação, além de ser um fator predominante para se saber sobre o falante. Daí a importância de se estudar as variantes sociais que existem nos cordéis.

Na próxima seção, serão analisados os níveis de variações que se encontram com mais frequência nesse gênero, demonstrando as diversas variantes que existem no PB, e os tipos mais comuns de expressões próprias da cultura nordestina – explicitando as variações de nível lexical e fonológico, que são riquíssimas no PB e que estão presentes neste gênero textual. Sobre os níveis de variação, Monteiro (2000, p. 65, grifos da autora) esclarece que:

Em todos os níveis linguísticos se manifesta essa distância: na fonologia, no léxico, na sintaxe. Ele provavelmente usará formas como *vrido*, *pranta*, *expilicar* e *musga* ou construções do tipo *nós veve*, *ele viu eu*, *eu se danei*, etc. E, com isso, é mais discriminado ainda pela sociedade.

Exemplos como estes estão presentes na literatura de cordel, de modo a expressar os falares e a cultura do povo, com entonação própria. Esse tipo de investigação contribuirá para que retratemos os tipos de variações dessa literatura que caracteriza a língua enquanto heterogênea.

2.1 AS VARIAÇÕES DE NÍVEL LEXICAL E FONÉTICO-FONOLÓGICO QUE FORMAM A LITERATURA DE CORDEL

Segundo a visão que manifesta a variação diatópica, os fenômenos variáveis que ocorrem dentro do PB condizem com as variações regionais que estão presentes na língua, seja ela qual for. Com isso, configura-se um determinado conjunto de variações que são propriamente do Nordeste, assim como em outras regiões se encontram a predominância de algumas expressões com léxico e entonação

particular, que podem ser facilmente identificados pelos falantes, apesar das diferenças na fala.

O vocábulo presente na literatura de cordel colocado por Patativa possui todos os traços de um camponês que vive na roça, embora, em alguns cordéis, o autor utilize-se da variedade padrão da língua, mostrando mais uma vez que o falante pode mudar seu uso dependendo da sua intenção. Além disso, o vocábulo que ele utiliza mostra o uso desprestigiado, e pode ser visto como um exemplo de explanação da cultura, contendo uma forte heterogeneidade do PB, intrinsecamente inconstante em sua forma e função.

Especificamente nos cordéis, existem vários termos que são muito próximos da fala, é aí que se adentram as variações de nível fonético-fonológico, sendo um dos exemplos dos níveis de variação que mais persistem nesse gênero. Portanto, é importante enaltecer que esse estudo sociolinguístico permite entender a questão da variação em suas formas de uso. É com base sociolinguística que buscamos enaltecer a análise dos cordéis, visto que esta corresponde ao uso real da língua em uma sociedade específica e suas múltiplas formas de falar.

Vários cordéis de Patativa contêm variações regionais que existem no nordeste, exaltando a cultura desse povo. Dentre eles, no cordel, “O poeta da roça”, já se percebem os traços de variações regionais de nível lexical na primeira estrofe: *A minha **chupana** é tapada de barro*. O termo “chupana” designa “choupana” e quer dizer casa simples, que em outras regiões recebe o nome de “cabana” ou simplesmente “casinha”. Aqui também ocorre a variação de nível fonético-fonológico, onde o autor coloca a palavra choupana de acordo com a pronúncia dele. Acontecendo aqui, o processo fonológico de monotongação, fundindo “ou” em “u”.

Na segunda estrofe, no primeiro verso, temos: *Sou poeta das **brenha**, não faço papé*, aqui se trata de outra palavra de nível lexical. *Brenha* se refere ao local de onde vem o trovador nordestino e traz uma expressão própria do nordeste e do homem da zona rural. De acordo com o dicionário de Albuquerque (s/d, p.2), “brenha” é o mesmo que local distante.

Na quinta estrofe, no primeiro verso, já se nota a presença de outra palavra típicas desta região, “buliço” em: *Só canto o **buliço** da vida apertada/ Da lida pesada, das roça e dos eito*. Nesse exemplo, “buliço” representa outra expressão regional que,

em algumas regiões é o mesmo que “inquietações” da vida, denotando a variação lexical.

Além destas, outros termos comuns na variação diatópica de nível lexical continuam presentes nesse cordel, como as expressões “topando” e “visage”, no verso: *Por dentro da mata, com tanta corage/ **Topando** as **visage** chamada caipora.* Essas se tratam mais uma vez de expressões típicas do nordeste, especificamente no verso, “topando” é o mesmo que tropeçar ou até encontrar. Em outras situações, topando pode ser o mesmo que concordar, categorizando o nível semântico. E “visage” é o mesmo que fantasma, como afirma Albuquerque (s/d, p.11): “Visage: fantasma, aparição”.

Ocorreu o processo de apagamento, denominado apócope, tanto em “corage” como em “visage”. Segundo Roberto (2016, p. 121), isso acontece quando se verifica a subtração do último fonema.

O cordel “A festa de Maricota”, apresenta algumas expressões como “bruburinho” e “rodage”: *Foi antonte às doze hora/ Da noite o tá **bruburinho**,/ Eu corri de mundo afora/ Sem preguntá por caminho./ Quando cheguei na **rodage**,*. Aqui ocorrem variações tanto de nível lexical como de nível fonológico. “Bruburinho” é a mesma coisa de barulho, expressão de nível lexical mais usada nordeste. Além de ser também uma expressão de nível fonético-fonológico, que designa a fala, através do processo fonológico por transposição, alternando o “r” dentro do vocábulo. Assim como “rodage”, que pode significar estrada asfaltada, muito utilizada pelo homem rural. Houve também uma variação de nível fonético, com a pronúncia “rodage”, exemplificando a fala que configura o processo fonológico por supressão, denominado apócope.

Outro termo variável a destacar nesse cordel é o da quinta estrofe: *Que inda tando de enxaqueca/ Não se **escora** pra cantá.* Como se vê, “escora” se trata de uma variação geográfica, facilmente utilizado pelo homem da zona rural, aqui remete ao mesmo que “apoio”.

Logo mais, na décima quinta estrofe, encontramos outro termo regional: *Todo serviço ele topa,/ É rapaz que não se popa,/ No **rojão** ele tá só.* “Rojão” é outra palavra falada no nordeste, denotando a variação de nível lexical, que designa “trabalho exaustivo”. Em outras regiões, pode ser o mesmo que “foguetete” ou ainda pode estar associado à musicalidade, como afirmam Russo e Almeida (2006, p. 62, grifo do

autor): “*Rojão*—ritmo, trabalho cansativo. ‘Não sei como você aguenta esse *rojão* todo dia.’”

Na vigésima estrofe, facilmente percebem-se as variações de nível fonético-fonológico muito usadas nas falas do nordeste, especialmente na zona rural: *Toda mãe é **pervenida** / E sabe o que as fia **qué***. Aqui remete à pronúncia da palavra, onde a expressão “pervenida” é o mesmo que “prevenida”, se encaixando no processo de transposição. E “qué” vai designar o processo fonológico por apagamento, denominado apócope, onde ocorre a supressão do último fonema: [h].

Na vigésima terceira estrofe, sétimo verso, algumas expressões de nível lexical são colocadas: *Lá numa feia quebrada, / No fundo de um **cafundó***, assim sendo, “cafundó” designa um lugar distante, termo que faz parte da variação diatópica.

Continuando, na vigésima nona estrofe, no oitavo verso, é possível perceber traços fonéticos: *Pra perto dos noivo vem / Com grande **sastifação***. Aqui remete outra variação com traços fonéticos, assim como ocorre em muitas das pronúncias do homem rural. Na expressão “sastifação” ocorreu o processo fonológico por transposição, onde houve a alternância do segmento “s”.

Na trigésima primeira estrofe, outra variação de nível fonético-fonológico, que compõe a pronúncia é a seguinte: *Que **arguma** coisa se dava, / Na festa de Zé Lóló*. “Arguma”, que denota a pronúncia de muitos falantes rurais, representa aqui o fenômeno denominado rotacismo.

Logo mais adiante, na quinquagésima estrofe, vemos uma variação de nível lexical: *Tive que me **escapulí**, / E num momento mesquinho*—denotando uma variação mais comum no nordeste, que significa o mesmo que “fuga”.

No próximo cordel, intitulado “Seu dotô, me conhece?”, também é composto de variações que englobam os falares deste povo: *Seu **dotô**, só me parece / Que o **sinhô** não me conhece*, nestes versos logo na primeira estrofe, percebem-se os fortes traços de nível fonético-fonológico.

Sendo assim, a expressão “dotô” ocorre dois processos, primeiro o apagamento da semivogal, configurando assim a monotongação. Há, também, apócope, tirando o último fonema do termo – o mesmo acontece com “sinhô”.

No mesmo cordel, na segunda estrofe, alguns traços tanto do nível fonético-fonológico como do nível lexical são encontrados: *Eu sou da **crasse matuta***. “Crasse”

é colocado com a pronúncia, designando o processo do rotacismo; e “matuta” remete ao homem de vivência caipira, termos que designam a variação diatópica.

Na quarta e nona estrofe, ainda se encontram expressões de nível lexical: *Cumprindo a sina tirana, / Na grande **labutação**, (...)Senhô dotô, não se **enfade***, nesses versos, vemos a presença de expressões nordestinas, onde “labuta” pode ser o mesmo que “trabalho” ou “luta”; e “enfade” podendo designar “incômodo”.

Ainda na quarta estrofe, mais expressões que contemplam a variação de nível fonético-fonológico se encontram nesse cordel: *Pra **sustentá a famia**/ Só tem direito a dois dia*. Como podemos ver, essas expressões são colocadas de acordo com a fala, e corresponde aos processos fonológicos de apagamento, no exemplo, o [h]ocorrendo o processo de apócope em “sustentá”, e o processo por substituição de sons em “famia” efetuando a despalatalização.

Nas sétima, oitava e nona estrofes, outros traços fonéticos se evidenciam: *Que por não **achá** emprego / Se vê forçado a segui / Sem **dereção** e sem norte*, aqui se configura a fala não monitorada, formando a variação de nível fonético-fonológico. Em “achá”, houve o processo fonológico por apagamento de apócope; e ainda, o processo fonológico de substituição por assimilação em “dereção”, se referindo à direção, onde o “i” assimilou, e no termo variável se tornou “e”.

No cordel “Vida Sertaneja”, há variações tanto de nível lexical, como de nível fonético-fonológico, como se observa a seguir: *Eu canto o sertão querido, / A fonte dos meus poema, / Onde se iscuta o **tinido***, aqui se tratará de uma expressão de nível lexical. “Tinido” pode significar barulho ou som, expressão mais usada no nordeste por pessoas mais velhas.

Logo na sexta estrofe, temos algumas expressões de nível fonético: *De já ter visto o vaquêro, / Atrás do novio **brabo***. Aqui houve a substituição por assimilação, onde o “v” em “bravo” assimilou o traço fonético “b”. Na nona estrofe do mesmo cordel, mais traços de nível lexical constituem os versos: *E assim, na sua **peleja** / Com a famia que tem*. Aqui, “peleja” é um termo propriamente falado no nordeste e pode designar “tentar exaustivamente” (ALBUQUERQUE, s/d, p. 9).

Na décima estrofe, outra variação de nível lexical perdura: *Vai numa rêde imbruiada, / Um **adjunto** de gente, / Uns atrás, ôtros na frente*. Aqui, mais variações estão presentes, como em “adjunto” que pode ser o mesmo que “reunião de pessoas” (RUSSO; ALMEIDA, 2006, p. 9).

No cordel intitulado “Minha Sodade”, encontramos várias expressões nos níveis lexical e fonético: *Não pense que eu **tou** contente / Quando na viola canto / Pois tá pensando o **contrá**ro: / Eu canto é como o **can**aro*. Na expressão “tou”, muito utilizado na fala, acontece apagamento por aférese (apagamento no início do vocábulo). E nos termos “contráro” e “canaro”, o ditongo “io” passa a ser um monotongo.

Logo na segunda estrofe, são perceptíveis mais expressões de nível fonético-fonológico e lexical, como em *Uma **sodade arranchada**, / Tão grande, tão desmedida*. Em “sodade”, acontece o processo de monotongação no interior do vocábulo. “Arranchada”, que é o mesmo que impregnada, fixa, termo facilmente falado na região nordeste, temos a variação de nível lexical e semântico, que, em outros contextos, pode ser o mesmo que hospedar.

Na terceira estrofe, mais uma expressão de nível fonético forma o cordel: *Sodade, esta aguda seta, / Que é mão da **rescordação***, “rescordação” é outra palavra presente na fala, decorrendo o processo fonológico de acréscimo do “s” no interior do vocábulo, ocorrendo, assim, a epêntese. Já no verso: *Até que fica morando / No miolo da **madê**ra*, há outra variação que ocorre na fala com a monotongação de fonemas. Na próxima estrofe, mais variações de nível lexical são encontradas, como em: *Tanto ligou e **apregou**, / Que em toda parte que eu tou, / Ela tá me **aperreando***. Em “apregou”, vemos a presença de um vocábulo muito utilizado no cotidiano por falantes nordestinos, que se refere ao mesmo que “colar”. Também vemos “aperreando”, que designa o mesmo que “perturbar”, “incomodar”.

Na quinta estrofe, outras variações do nível lexical e fonológico aparecem nos versos: *No verdô da minha idade, / Mode **acalentá** meu choro / Minha vovó de bondade / Falava em grandes **tesô**ro*. Em “acalentá”, expressão mais usada no nordeste e pelo homem rural, tem o sentido de “acalmar” e, nesse contexto, temos o apagamento do /r/ final. Em “tesôro”, ocorre o processo de monotongação.

Na sexta estrofe, temos: *Que a grande sodade minha / Não é só de **histó**ra e **bej**o*. Em “históra”, houve o apagamento da semivogal “i”, assim como em “bejo” ocorrendo a monotongação – em que o ditongo “ia” de “história” e “ei” de “beijo” se torna apenas um som [e].

Na sétima estrofe, vemos: *Sem esperança e sem fé, / Vejo o meu **má incurave**. / Eu tenho sodade até / Das coisa desagradave*. Aqui, os mesmos processos fonológicos são encontrados, pois, em “má” e “incurave” temos o apagamento do

último fonema [l], configurando o processo de apócope (apagamento do último fonema).

Nos últimos versos da oitava estrofe, temos mais uma expressão de nível lexical formando o cordel, em: **Cocorote** e *chinelada* / *Que minha mãe dava neu*. “Cocorote” pode designar o mesmo que pequenas batidas na cabeça ou beliscões.

Na nona estrofe, temos mais variações de nível fonético: *Nesse tempo, eu pissuíá/ Paz, inocença e saúde*. Em “pissuíá”, houve o processo fonológico de substituição por assimilação, onde ocorreu a troca do “o” por “i”, fonema próximo que se assimila muitas vezes na fala. Em “inocença”, houve a fundição do ditongo “ia” que se tornou “i”, formando uma monotongação. Na décima primeira estrofe, temos as seguintes variações de nível lexical: *Já me achei arrodado* / *De amô, de bejo e carinho*. Aqui, o termo “arrodado” significa “ao redor”, mas, em outras situações, pode ser o mesmo que “dar a volta em torno de algum lugar”. (RUSSO; ALMEIDA, 2006, p. 12).

Na mesma estrofe, persiste a variação de nível lexical: *Cansado, injembrado e torto* / *Com o grande peso da idade*. A expressão “injembrado” se refere a uma expressão diatópica, que remete ao mesmo que “desajeitado” ou “mal feito”. Por fim, na décima segunda estrofe, temos uma variação de nível fonético: *Que matrata, que magoa*. Evidenciamos outro termo facilmente utilizado na fala, e que apresenta o apagamento do “l” com som da semivogal [u], configurando o processo de monotongação.

Todas as variações apresentadas constituem a língua, tanto do nível lexical, que corresponde ao vocábulo, quanto do nível fonético-fonológico, que designa a fala e sons que podem mudar devido ao tempo e às características próprias de uma comunidade de fala. Patativa do Assaré, com seus próprios falares, demonstra em seus cordéis, as inúmeras formas de falar do homem rural e nordestino, enfatizando a cultura e sociedade à qual pertence. Isso denota uma forma de tratar a língua como “denunciadora” dos traços do falante, mas, ao mesmo tempo, configura uma forma de reflexão sobre a cultura por meio do contato com a literatura de cordel. Desse modo, “[...] o estudo da literatura de cordel, do seu valor artístico, cultural literário, consolidou-se com o estudo da Variação linguística, sem nenhuma delas sobrepujar a outra” (CAIXÊTA, 2015, p. 7).

As variantes de nível lexical têm forte ligação com a identidade do falante, como afirma Caixêta (2015, p. 88): “a relação entre o léxico e a identidade daqueles que o usam também é outra questão relevante dentro de seu estudo e que está diretamente ligada à temática da variação linguística”. Além disso, o estudo das variantes de nível fonético-fonológico é necessário, pois, como afirma Cagliari (2002, p. 28-29): “Todas as línguas (e dialetos) têm fonemas e alofones, apresentam variantes”. Sendo assim, por meio dos traços fonéticos de uma língua, temos uma possibilidade a mais de refletir sobre a variação.

Mesmo a literatura de cordel fazendo parte da variedade não prestigiada, ela permite o uso de expressões que podem ser usadas em várias situações, cumprindo, assim, a função de qualquer língua em qualquer sociedade –a de comunicar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu conhecer, com base nos estudos sociolinguísticos, a variação linguística como um elemento que evidencia a língua em seus usos reais, levando-se em conta o fator social que lhe é atribuído.

Com isso, percebeu-se que a língua pode variar em níveis distintos, que se inter-relacionam mutuamente, permitindo que a mudança ocorra e que a variação persista nas sociedades. A variação de nível lexical permite-nos entender a variação diatópica, manifestada na identidade trazida por Patativa em seus cordéis.

As variações nos níveis fonético-fonológico também são frequentes, já que se tratam de construções linguísticas baseada na oralidade, com uma escrita que a reproduz. Sendo assim, evidenciamos a riqueza das variações presentes nos poemas analisados, tanto no nível lexical como no fonético-fonológico.

Notou-se que os cordéis demonstram, de maneira satisfatória, a explanação da cultura do homem nordestino, rural e pouco escolarizado, que possui entonação própria e, por meio da fala, busca “facilitar” a pronúncia, decorrendo assim, os processos fonológicos.

Foram analisados cinco cordéis, que contemplam as marcas de regionalismo e oralidade, evidenciadas em cinquenta expressões que designam todas as marcas de expressões particulares, as quais podem ser facilmente identificadas por quem o

escuta ou lê, designando, assim, as variações de nível lexical e também do nível fonético-fonológico.

Tendo em vista a pesquisa realizada, percebeu-se, na literatura de cordel uma fonte de estudos que abordam a variação. Além disso, notou-se que esses textos são capazes de expressar a cultura de quem o produz, possuindo um vocábulo marcante, denotando as variações diatópicas da região nordeste.

Com isso, pudemos notar que são vários os processos fonológicos presentes nas variações de nível fonético-fonológico, os quais ampliam os estudos sociolinguísticos sobre os vocábulos. Esta forma de estudo permite ver a dinamicidade da língua, além de ser um campo de investigação sobre a variação e exaltação da cultura nordestina, visando refletir sobre os termos enquanto integrantes de uma sociedade que marca uma comunidade de fala.

Em Patativa do Assaré, percebemos que seus cordéis exemplificam a camada social desprivilegiada da sociedade, já que ele canta a vida do nordestino e, em seus versos, vemos falares com léxico e pronúncia particulares.

Patativa do Assaré possui um extraordinário acervo poético em seus cordéis, repleto de falares que cantam sua cultura e identificam o homem rural, muitas vezes pouco escolarizado, podendo ser visto como um representante da cultura nordestina e da sociedade em que viveu.

Como visto nas análises dos cordéis apresentados, percebemos a multiplicidade de vocábulos que uma mesma língua possui, e que cada um deste possui forte ligação com a sociedade. Nos exemplos aqui analisados, percebemos as marcas que as variantes dos cordéis apresentam, fazendo-nos entender a cultura do falante, permitindo uma visão ampla de que povo o autor pretendia demonstrar, do homem nordestino. Ao mesmo tempo, Patativa do Assaré denuncia a realidade em que vive, levando-se em conta os fatores sociais expressos nos seus poemas, com linguagem própria, com teor marcante da identidade não só de quem canta os versos, mas de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Gilberto. **Dicionário de termos nordestinos**. s/d. p. 1-11.
Disponível em: <<http://www.jessierquirino.com.br/site/wpcontent/uploads/2013/06/dicionario.pdf>>
Acesso em 4 de jun. 2019.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?**: sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CAIXÊTA, M. C. S. O. **Variação diatópica de aspecto semântico-lexical e ensino de língua portuguesa**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2015.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

COSTA, E. O. **Variação lexical nas capitais brasileiras**. 2009. Manografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.

MELO NETA, M. A. D. E. ; SANTIAGO, M. T. G. **A variação linguística presente no folheto de cordel 'As duas mulheres valentes', de J. Borges**. In: VIII JEL - Jornada de Estudos da Linguagem, 2016, Rio de Janeiro. Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações. Rio de Janeiro: UERJ - Programa de Pós-graduação em Letras, 2016. v. 8. p. 64-70.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MEZAVILA, A.; CRUZ, A. D. **A literatura de cordel e sua aplicabilidade no estudo da variação linguística**. v. I, p. 2-22, 2017. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_unioeste_albertinamezavila.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2019.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança**. *ReVEL*, v. 3, n. 5, 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

REBOUÇAS, Myrlla Muniz. **Patativa do Assaré: poesia, canção e consciência**. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PATATIVA, A. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROBERTO, Tânia Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino**: guia introdutório. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RUSSO, Rogério; ALMEIDA, Francisco Xavier de Castro. **Novo dicionário Rogério da língua piauiesa**. São Raimundo Nonato: Editora Aquarela, 2006.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- () Monografia
- (x) Artigo

Eu, **Érica Maria de Jesus Sá**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação *Variação Linguística e Processos Fonológicos em Versos de Patativa do Assaré* de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 29 de novembro de 2019.

Érica Maria de Jesus Sá

Assinatura

Joscelino Francisco do Nascimento

Assinatura